

INTRODUÇÃO

Por que escolhi o tema da evasão e / ou abandono escolar, no Ensino Básico? Essa foi a minha pergunta principal, desde o início de minha pesquisa no Mestrado; não seria apenas por se tratar de um assunto cada vez mais emergente nos dias atuais, resultante de pesquisas recentes realizadas pelo Ministério de Educação... Por mais que eu quisesse, a princípio, acreditar nesse caminho, minha memória impediu-me de fugir ou lutar com situações que haviam sido estressantes para mim, durante a minha própria adolescência.

Não há intelecto que dê suporte a uma formação se não estiver embasado pelo... Amor! E que espécie de Amor seria esse? Essa questão me perseguiu de todos os modos... Não poderia ser o amor egóico como o de uma criança, começando a reconhecer o espaço a que pertence nesse mundo. Esse só pede o recebimento de favores, não se ocupa com a doação. Cobra perfeições, geralmente impossíveis de serem concretizadas. Como também não poderia ser somente o amor que já desperto para a existência do outro, passa a acompanhar sua evolução, identificando-se, ele próprio, com esse outro trajeto, em inúmeras circunstâncias. Faltaria um toque final para o refinamento do Amor: seria o Amor *Ágape*, como é descrito pelos gregos, ou o Amor Universal, Infinito, vindo de Mãos, Face, Coração Divinos... aquele 1% que nos acolhe em qualquer instante da Vida, desde que nos sujeitemos a ele... Liberar-nos de nosso ego para um encontro com o *Self*, o Si-Mesmo, a Centelha Divina. Um aprimoramento que nos acompanha por toda a existência, segundo Carl Gustav Jung, médico psiquiatra, criador da Psicologia Analítica, ex-discípulo de Freud com quem trabalhou por mais de dez anos, e que buscou o alicerce criativo da religião. Jung estabeleceu o fundamento neuropsicológico e conseqüentemente, científico da fé. Confirmando esta visão pragmática, o filósofo e psicanalista Jean-Yves Leloup nos diz que estar atento ao Ser é potencializar, em si, a aptidão natural de se *trans*-formar, buscando o o livre-arbítrio do *momento presente*, pela atenção:

“Quando a atenção é uma arte que envolve o coração, o olhar torna-se sensível ao novo, ao fato de estar presente; abre-se para a dimensão sagrada de cada situação, reencontrando, assim, o sentido e a beleza da vida... (...) a esperança é realmente um ato de vontade, uma virtude, ou seja, uma força. A força que, às vezes, nos faz falta e é celebrada ou invocada por toda a prece. (...) Aqueles que passaram por um verdadeiro desespero e conseguiram superá-lo, sabem disto:

não basta ter vontade. Em determinadas horas, ainda ter vontade de viver não depende unicamente de nós; outra consciência ilumina nossa consciência (...) (LELOUP, 2202:48)

Minha formação como designer, PUC/RJ, auxiliou-me na pesquisa de forma e função coerentes como contribuição para uma harmonia no mundo à nossa volta; ao longo de mais de vinte anos de exercício profissional em Comunicação Visual fui me aproximando lentamente do que veio a ser minha especialização: *Arte-Terapia em Educação e Saúde*: percebi que para mim, a forma e função narradas pelo Design deveria permear a essência do Ser humano, trabalhar a memória evocada pelos materiais, já que a vida só se estabelece quando sua química nos libera para traduzir finos eixos de um Universo Superior, intangível e, ao mesmo tempo, perceptível por... *formas influentes*, as quais estão ao nosso dispor, em nosso organismo e no de todos os seres ao nosso redor, nos mundos animal, vegetal e mineral. Minha pesquisa no Mestrado em Design na PUC é uma resposta que procurei em mim mesma e nos ambientes que compartilho, cuja palavra-chave é: gratidão por qualquer existência que só materializou para nos lembrar de nosso compromisso com o Universo, como seres divinos que somos, sem deixarmos de sermos...humanos! Conspirando portanto para que a Criança Divina que Cristo Jesus nos sinalizou, de mãos dadas com os líderes de todas as tradições, renasça em nós, renovando-nos sempre que um ciclo em nossas vidas terminar para iniciar outro... com toda a dignidade inerente ao Sopro Divino. Indo ao encontro do que a própria física quântica nos traz: a vida é dinâmica e a bioquímica nos demonstra que as células de nosso corpo estão em constante mutação, de forma e localização no espaço. E como exemplo, a forma hexagonal, a que nos permite o maior número de combinações geométricas possíveis, é verificada como consequência, a mais maleável... Venho compreendendo, ao longo dos meus últimos vinte anos, essa capacidade de compartilhamento no espaço social, pelo enfoque espiritual / físico (sentido do movimento invisível / visível), dos sinais e símbolos que o filósofo japonês Mokiti Okada (1882-1955) revelou ao mundo, sobretudo pela linguagem da Arte, com a técnica do Ikebana; trata-se de sistema de vivificação floral, originário da Índia, através do qual Okada desenvolveu o estilo *Sanguetsu*, apresentando-nos os símbolos sol (o pai), lua (a mãe) e terra (a criança, o elemento mais florido). Ou seja, aproximou-nos, por meio plástico, do pensamento do convívio dos opostos: a polaridade, narrada pelos princípios masculino / feminino, a base do zen-budismo, onde os elementos *quadrado* (masculino) e *circular* (feminino) *conversam num consenso*.

Os itens *flexibilidade e maleabilidade*, seriam princípios da polaridade masculina e feminina: a flexibilidade contém o item *resistência*, mas no sentido de guardá-la e não de cristalizá-la, preservando sua devida maleabilidade; é como um certo tipo de *nó* que se faz e desfaz, por não estar rigidamente tensionado, tracionado; proponho como pesquisa de campo, evidenciar o cognitivo na Matemática e na Biologia, em turmas do Ensino Médio, em escola da rede pública, através do afeto que nossa memória reteve como experiência “mágica”: introduzir tais disciplinas pelo aspecto lúdico, tendo como chamada para reflexão, *pano de fundo*, o “encantamento” de mitos, contos de fada, lendas, histórias do folclore, que nos aproximam de nossos personagens internos. E então favorecer o surgimento desses dois estados, flexibilidade e maleabilidade, através das formas influentes e pela memória evocada pelos materiais.

Vamos brincar aprendendo / ensinando, já que todos somos educadores uns dos outros, apenas “estando” em papéis provisórios na relação “professor” / “aluno”, buscando trabalhar a contento, nossa condição inexorável de humildade, como nos faz pensar o filósofo Jean-Yves Leloup *I.* : perceber-nos na linha do chão, nem acima nem abaixo, restaurando a conexão entre as forças do alto e as forças da terra... *Sim, esse é o convite.* Aproximem-se mais, por favor, vamos formar um círculo? De mãos dadas, com a palma da mão direita para cima e a da esquerda para baixo, como nos sugere a Vida: doar, para só então receber...

TEMA

Evasão e / ou reprovação no Ensino básico pelo enfoque do NeuroDesign

A nossa socialização escolar já foi marcada por um profundo esquadrinhamento do espaço e do tempo. Fomos marcados pelo currículo mínimo, não existe mais. Pela seriação, não existe mais. Por um controle minucioso e detalhado na base e no processo de escolarização, não existe mais. As universidades foram marcadas pelos departamentos, não existem mais. Pela idéia e pela prática de habilitarem para o mercado de trabalho; os diplomas não habilitam mais. (CURY, 1998, in NUNES, Clarice, Ensino Médio – Diretrizes Curriculares Nacionais. Rio de Janeiro: DP & A, 2002).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9.394 / 96), um efeito da Constituição federal de 1988, destacou a flexibilidade como fundamento na *práxis* da educação básica, referindo-se à educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. A interdisciplinaridade e contextualização são meios para se atingir esse objetivo. A questão principal é o nosso ponto de partida: em que base se constroem os recursos para concretizá-lo? A reprovação e / ou evasão no Ensino Básico tem aumentado gradativamente de modo inquietante, como nos aponta o censo de 2001, realizado pelo MEC, Ministério de Educação e Cultura. A desestruturação familiar poderia ser uma causa (vide anexo) semeando a sensação da ausência de um pertencimento. O Ensino de Arte no Ensino Básico, em especial na rede pública, tem atendido de modo ainda bastante precário a necessidades imediatas. Nossa LDB / 96 reconhece a Arte como Escola tão significativa como as Ciências da Natureza e Matemáticas na formação básica, vendo-a como fio condutor na interdisciplinaridade. Faz com que o indivíduo vá o encontro de suas emoções, facilitando o aspecto cognitivo nas diversas aprendizagens.

Esta pesquisa é voltada para as possibilidades de *reconfiguração* que nosso cérebro, um órgão social (Assman, 2000:18) pode assumir, desde que participativo de dinâmicas arteterapêuticas seqüenciais, com base na pedagogia do *Design Social*, como atividade complementar junto às disciplinas de Ciências da Natureza e Matemáticas. Espera-se que esse movimento vá se estendendo progressivamente pelas demais áreas curriculares. Entendendo-se as artes e as atividades físicas como termos de comunicação, entre outras, o conteúdo aplicado busca trabalhar elementos afetivos e cognitivos pela gramática visual das formas ponto, linha, volume, estados da cor, bem como pelo gestual de práticas como o *tai-chi-chicong* (respiração com exercícios de alongamento) e biodança. O *objetivo geral* é, ao facilitar o auto-

conhecimento e a melhoria no inter-relacionamento, contribuir para uma aquisição mais consistente de conhecimentos dos saberes referidos, pela memória evocada por materiais físico / químico / biológicos como bambu, argila, flores e as formas influentes observadas nos universos animal, vegetal e mineral.

As dinâmicas iniciaram-se em Agosto de 2004 com um grupo focal do Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral, de formação de professores, no bairro do Jardim Botânico, nesta, como um aquecimento inicial. Realizaram-se até Dezembro e estão sendo retomadas no próximo mês de Março, acompanhando o semestre letivo, já como atividade complementar das disciplinas Matemática e Biologia. Com relação à primeira, a professora responsável designou nossas aulas como laboratório para aplicação do ensino geométrico, sendo devidos relatórios dos percursos desenvolvidos.

Como extensão da iniciativa piloto, inaugurou-se em Dezembro último, o projeto “As três Ecologias”, no Parque do Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico, Rio / RJ, para dinamizar a relação *Família / Escola / Comunidade*, indo ao encontro de alguns pressupostos e dispositivos da LDB / 96, como segue: “A organização curricular do ensino médio deve ser orientada por:

- Reconhecimento e aceitação de que o conhecimento é uma construção coletiva, forjada

sociointerativamente na sala de aula, no trabalho, na família e em todas as demais formas de convivência.” (NUNES, Clarice, 2002:77)_

O programa tem como objetivos específicos:

- Promover encontros mensais no Jardim Botânico, em um domingo a se definir, no horário de 09:00h às 12:00h, entre Família / Escola / Comunidade, na rede pública, em especial.
- Aproximá-los do manuseio com materiais biológicos com bambu, flores e físico-químico como a argila (trazidos pela responsável pelo projeto, nessa etapa inicial) a fim de se trabalhar a interação dos sentidos físicos (sensibilidade tátil, visão, audição, gustação, olfação) e simbólicos, buscando-se contribuir para o aumento de nossa capacidade perceptiva e reflexiva.
- Trabalhar as formas influentes comuns aos reinos animal, vegetal e mineral, percebendo-nos como uma rede integrada.
- Desenvolver exercícios de meditação dinâmica como o Chikun (respiração com exercícios de alongamento), como relaxamento psicofísico.
- Promover palestras com profissionais de diversas áreas relacionados ao Eco-Design para colaborar na expansão da consciência de todos os participantes, explorando-se a transdisciplinaridade.
- Incentivar a integração das famílias solicitando a cada responsável que tenha uma habilidade profissional que possa beneficiar a comunidade, apresente-a através de dinâmicas, palestras ou atividades afins.

- Solicitar apoio a empresas que possam patrocinar transporte coletivo da família e alunos das escolas referidas, bem como lanche para os envolvidos nas atividades.
- Reunir educadores de várias instituições de Ensino, do Básico ao Superior, como a Pontifícia Universidade Católica, a Universidade Cândido Mendes, pelo Projeto A Vez do Mestre, escolas da rede pública e particular.

O PROBLEMA

A construção do sistema de representação no Ensino Básico

A maior capacidade intelectual do ser humano é a da representação, “colocar algo no lugar de outra coisa”, segundo o pensamento de Piaget, Jung, Freud, entre outros. A partir daí, podemos refletir sobre os alicerces do ensino /aprendizagem no segmento básico. Qual seria o ponto de partida de nossos valores? Madalena Freire, por exemplo, nos propõe ir além da divisão entre o cognitivo e o afetivo, para que haja a alegria de compreender, implícita nessa necessidade; nos sugere que

“o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. A escola em geral tem essa prática, a de que o conhecimento pode ser doado, impedindo que a criança e também os professores o construam. Só assim a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim para VIDA, aqui e agora. E é vida que precisa ser resgatada pela escola” (FREIRE, 1983:15 in GADOTTI, 2004:65).

Além de se recuperar essa alegria dentro do espaço físico de uma escola, é preciso que pais e professores se (re)eduquem constantemente, como mostra de que a educação é de fato, processo. A falta de nosso reconhecimento como integrantes de uma rede visível e invisível, coesa, onde qualquer fenômeno interfere decisivamente na Vida como um todo, nos remete a um vazio interior que pode gerar inúmeras seqüelas. Essa ausência pode ocorrer em qualquer período mas, na infância e adolescência, por estarmos semeando raízes, há conseqüências de peso maior, como o psiquiatra Augusto Cury nos faz refletir, observando os caminhos da juventude atual, que *“(...) a criatividade, a felicidade, a ousadia e a segurança do adulto dependiam das matrizes da memória e energia emocional da criança. Não compreenderam que a TV, a Internet e o excesso de atividades, obstruíam a infância de seus filhos”* (Cury, 2003:11-12)

Um grande distanciamento entre pais e filhos pode ser uma realidade tanto para uma classe média / alta com recursos financeiros fora do alcance da grande maioria, como para camadas populares: os componentes variam, mas as realidades de todas pecam pelo mesmo fator: excessos...de ausências! Representando a mesma contribuição para uma

menor valia: a ausência do diálogo, do convívio mais freqüente, do contato das mãos que sinalizam caminhos a serem descobertos. Os pais estão transferindo para a escola a responsabilidade de educar (ver anexo) como se o valor dos valores devesse ser “apreendido” nesta instituição.

Podem vir manifestações diversas entre elas, a *depressão* como uma revelação de desenraizamento social e cultural. Maturana (2002:23) nos diz;

“...a emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Sei que o que digo pode chocar, mas insisto, é o amor. Não estou falando com base no cristianismo. Se vocês me perdoam direi que, infelizmente, a palavra amor foi desvirtuada de tanto se dizer que o amor é algo especial e difícil. O amor é constitutivo da vida humana, não é nada especial. O amor é fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social(...).”

Cury nos mostra que toda a oportunidade para o diálogo entre pais e filhos, para que esses aprendam experiências com seus responsáveis, são vitais para sua sobrevivência. Se não fosse o organismo tão complexo que somos como mamíferos, apenas uma vida bastante inferior de animal, seríamos menos dependentes. Em nossa espécie, as experiências aprendidas são mais importantes do que as instintivas até para evitar desvios de percurso, completamente desnecessários. Quanto mais consistentes forem os vínculos familiares, maior será a qualidade da relação. Tudo o que é registrado em nossa memória não pode ser retirado, apenas “reeditado através de novas experiências sobre experiências antigas.” (CURY, 2003:23) indo ao encontro do pensamento do biólogo Humberto Maturana (2002:25) *“no emocional somos mamíferos. Os mamíferos são animais em que o emocionar é, em grande parte, consensual, e nos quais o amor em particular desempenha um papel importante.”*

Essa montagem implica geralmente em desgastes psicofísicos grandes que poderiam ser evitados por uma reeducação de nosso modo de viver com mais... arte! O registro em nossa memória será tanto maior ou menor quanto o forem a intensidade das emoções: o amor e o ódio, a alegria e angústia determinam um registro profundo. Cury nos adverte

sobre os perigos da mídia ao destacar, continuamente, notícias sobre as tragédias humanas como acidentes, mortes, doenças, seqüestros que geram uma dimensão elevada de tensão, impedindo respostas como o relaxamento, em várias situações, que seriam espontaneamente produzidas se nosso sistema neuroimunológico estivesse sendo melhor trabalhado.

O cientista destaca que o individualismo entre os jovens tem a ver com o fato dos pais não trocarem experiências com seus filhos, quando todo o universo à nossa volta, na própria natureza, nos mostra que somos um sistema em constante interação. Humberto Maturana nos apresenta o cérebro como uma *clausura operacional* que capta o novo, elabora e dele se apropria; a emoção está embutida em qualquer tipo de linguagem, do verbal ao gestual. Com base na biologia, o autor declara que 99% das doenças humanas são reflexo da *negação do amor*. E expõe o exemplo de cooperação e solidariedade das formigas classificados como insetos sociais; acrescenta que “relações humanas que não estão fundadas no amor não são relações sociais” (MATURANA, 2002:26)

Em sala de aula, o ambiente de tensão é o mesmo: não somos preparados para ser aceitos em caso de “fracassos” apenas para “sucessos”, onde a aquisição de conhecimentos pode suprimir qualquer demonstração de afetividade, resultado de uma educação cartesiana. Seus benefícios têm se mostrado muito inferiores aos prejuízos, como comprovam dados estatísticos de abandono / reprovação no Ensino, conflitos, doenças psicossomáticas.

Por uma escola crítica e criativa. Viktor Lowenfeld, uma presença notável na educação, assim como Ana Mae Barbosa, destacaram a importância da educação artística como disciplina importante do currículo nas escolas públicas, através tanto do seu grande empenho e autoridade na arte como por seu amor e atenção com as crianças observando-as em primeiro lugar, como crianças, em sua evolução e inclinações. Lowenfeld nos relata:

Em nosso sistema educacional, a maior ênfase incide sobre a aprendizagem da informação dos fatos. Em grande escala, a aprovação ou reprovação num exame ou curso, a passagem de ano ou mesmo a permanência na escola dependem do domínio ou da memorização de certos fragmentos de informação os quais já são conhecidos pelo professor. Assim, a função do sistema escolar parece consistir em criar pessoas que possam armazenar fragmentos de informação e depois possam repeti-los a um sinal dado. Uma vez que o estudante tenha adquirido certa competência na apresentação dos fragmentos apropriados de informação, no momento certo ele é considerado apto a graduar-se na escola que frequenta. O mais

pertubador é que a capacidade para repetir fragmentos de informação pode ter muito pouca relação com o “membro cooperante e bem-ajustado à sociedade”. Que pensávamos estar produzindo. (LOWELFELD & BRITAIN, 1983:15)

Ana Mae Bastos Barbosa, atenta ao tema arte-educação por inúmeras pesquisas, enfatiza o potencial criador, como liberador para sermos *Sujeitos* em qualquer situação de nossas vidas, e não objetos, sendo essa a questão central da arte-educação. Mas, segundo a autora, “a criatividade acaba sempre sendo vencida pela cognição”, bloqueando a concepção plena das circunstâncias: “reintegração da tecnologia e da criatividade é o grande desafio educacional de nossa era” (BARBOSA, s/d:43 in GADOTTI, 2004:70). Ana Mãe ao estudar o percurso da arte-educação no Brasil, concentrou-se na ótica positivista e liberal. A primeira enfoca a arte “(...) como um poderoso veículo para o desenvolvimento do raciocínio, desde que, ensinada através do método positivo, subordinasse a imaginação à observação identificando *leis* que regem a forma” (BARBOSA, 1982:67).

No Brasil, estamos numa grande defasagem da compreensão da realidade vivida, como um todo: o desafio, no espaço pedagógico, seria facilitar a percepção da gestação de uma forma, como a de um gato, sua escrita e leitura, conjugando o sentido do *movimento interno* (pensamentos, emoções), com o sentido do *movimento externo*, através da apreensão dos sentidos. Esses, geralmente “redescobertos” pela avaliação das artes plásticas, dança, música, teatro, entre outros, já não seriam os mesmos, nos dias atuais, por serem cada vez menos solicitados a agirem em conjunto, por motivos diversos como excesso do uso de informática em alguns ambientes e visões preconcebidas que restringem a atividade artística a um “verniz”.

A Arte foi definida pela Constituição de 1988 como no máximo, uma atividade pedagógica complementar e não um saber como as Ciências da Natureza ou Matemática. Está inserida na estrutura do Ministério da Cultura. Portanto, é matéria que não reprova no Ensino Básico, sendo considerada como complementar. No entanto, a Arte, por seus vários pontos de vista, nos dá o suporte vital para a compreensão dessa realidade: de que

“(...) somente através dos sentidos a aprendizagem pode processar-se. Talvez isto pareça óbvio; entretanto, suas implicações parecem ser ignoradas em nosso sistema educacional. É possível que a educação reflita, meramente, as mudanças de nossa sociedade, pois o homem

parece estar confiando cada vez menos no contato sensorial, concreto, real, com seu meio. Está se convertendo num espectador passivo de sua cultura, em vez de seu construtor ativo.”
(LOWENFELD & BRITAIN, 2000: 23).

Uma consequência grave desta ausência se dá no ensino / aprendizagem da Geometria, cujo estudo tem sido pouco desenvolvido no Ensino Básico, como nos aponta matéria de revista especializada (ver anexo).

Em nosso país, o contexto geral faz a aprendizagem dos vários saberes curriculares se dar de modo fragmentado, tanto na rede pública como particular. Mesmo que a LDB recomende em seu artigo 26, que se respeite “as características regionais locais da sociedade, cultura, da economia e da clientela” (NUNES, 2002:94), raramente acontecem a interdisciplinaridade e a contextualização propostas pelos ensinamentos de Piaget e Vygotsky; “ambas as perspectivas teóricas se complementam naquilo que, para estas DCNEM (Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio) é o mais importante: a importância da aprendizagem, portanto da escola, para o desenvolvimento do aluno.” (NUNES, 2003:94-95) Também se privilegia o saber adquirido segundo nossas funções e capacidade psíquicas de modo massificado, tornando-nos “produções seriadas”, sem atentar para as competências e habilidades individuais incidentes em períodos diversos na existência de cada um. Devemos legitimar descobertas da física quântica e bioquímica, de que tudo está em constante movimento e mutação de formas celulares, partindo de um centro único, com suas várias espirais, confirmando a possibilidade de novos sentidos, mas como traduzir esses fatos em nossas rotinas pessoais, escolares e profissionais?

HIPÓTESE

O Neuro-Design favorece (re)conexões sinápticas, facilitando o diálogo no ensino-aprendizagem, através de dinâmicas arte-terapêuticas seqüenciais.

Porque nós, seres humanos, somos complexos, tendemos a expressar nossos sentimentos, idéias também de modo entrelaçado, como extensão de nossa estrutura. Descobrir alguém é ir ao encontro de sua singularidade. Só através da relação com essa pessoa, os dados que a linguagem da arte, as teorias de desenvolvimento e de funcionamento psicológico possam revelar, são legitimados. Pela forma, o grau de organização, a clareza, a originalidade, a apropriação para a idade, a estrutura de linhas, formas, cores,

ocupação do espaço, o movimento, o equilíbrio são demonstrados, sempre compreendidos como parte de um processo, nunca como obra isolada ou acabada. Só assim, elementos *recorrentes ou recidentes* a serem elaborados, vão se manifestar, confirmados pelas várias técnicas e materiais.

Além de se olhar a obra, precisa-se observar em que contexto ela foi gerada, a seqüência em que foi alcançada, as associações verbais e não verbais, a linguagem corporal expressa pelo indivíduo, cada aspecto é inestimável em mensagens e deve ser levado em consideração, se quisermos conhecer quem se coloca à nossa frente. O olhar e a escuta de Emília Ferreiro nos trazem que

*“(...) É necessário imaginação pedagógica para dar às crianças oportunidades ricas e variadas de interagir com a linguagem escrita”, referindo-se à pedagogia nova e não à tradicional que trouxe a questão do aluno como foco, não mais a do mestre. “ (...) É necessário formação psicológica para compreender as respostas e as perguntas das crianças. É necessário entender que a aprendizagem da linguagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um código de transcrição: **é a construção de um sistema de representação**” (FERREIRO, 1985:102 in GADOTTI, 2004:65).*

A Arte-Terapia, como fio condutor das atividades propostas, permite ao avanço da capacitação pela *imaginação criadora* e pela *ciência*, já que surgiu de dois saberes: a arte e a psicologia. Permite uma atuação ampla junto às pessoas, relacionando emoção e razão, intuição e percepção; envolve atividades que vão do plástico ao cênico, envolvendo jogos simbólicos e brincadeiras, para uma “restauração” de nossa criança interna. Para uma compreensão maior desse processo, vamos nos aproximar de experiências como a de Vera Signorelli, enquanto licenciada em Letras e Filosofia (USU-Rio), arte-educadora e arte-terapeuta, coordenadora e facilitadora dos projetos *Arte Kids* (Rio de Janeiro – RJ), *Arte Teen* (Vitória – ES) e *Recriar-se* (para Pais e Filhos – Vitória – ES):

“... O Ser é desde que possa ter contato com o outro. Só posso contactar com o outro se estiver em contato comigo e nessa troca energética, nós dois somos.”

“O contato com crianças sempre me encantou. Isso levou-me idealisticamente, através da minha experiência de arte-educadora, trabalhando na escolinha de arte do Brasil (E.A.B., 1980), a buscar

desenvolver um trabalho que pudesse facilitar a relação da criança com ela mesma e com o mundo onde vive. (...)”.

“ Era revoltante, a meu ver, a preocupação dos pais e educadores com o desenvolvimento motor e cognitivo desse pequeno ser em formação, sem se dar conta dos bolqueios emocionais que se fixavam cada vez mais. (...) Logo comecei a introduzir movimentos energéticos: Yoga para crianças, Chi-Kun (respiração com exercícios de alongamento, apresentado no Brasil por publicação da psicóloga rogeriana Sonia Amaral, na década de 80), respiração taoísta, biodança (eu pesquisava e já praticava essas técnicas na época). (...) Desse momento em diante, as respostas plásticas ficaram ainda mais surpreendentes! Eles podiam transformar seus conflitos internos, agora não só em fantasia, mas através de construções plásticas.. No momento em que a emoção se tornava concreta, através da expressão no papel, acontecia a magia da transformação e a arte como expressão transcendente alcançava o seu papel sublime... Encantados com suas produções, não hesitavam quando pedia-lhes para deixarem os desenhos falarem uns com os outros, criarem nomes e vidas próprias e histórias, através da voz de seus autores.”
(SIGNORELLI, Revista do Departamento de Arte-Terapia do Instituto SEDES SAPIENTIAE, Ano V, número 4 2000/2001, p. 43-45)

Nas dinâmicas arte-terpêuticas, a reaprendizagem emocional, pode ajudar a restaurar o potencial cognitivo. As possibilidades de redesenho de nosso sistema nervoso são previstas, pela formação de novas *sinapses* (pontos de encontros entre os neurônios), restaurando funções psicofísicas, ampliando o potencial cognitivo. A bióloga e educadora Marta Relvas (ALVES, 2004:67) expõe:

A plasticidade cerebral é a capacidade do sistema nervoso alterar o funcionamento do sistema motor e perceptivo baseado em mudanças do meio ambiente, através da conexão e (re)conexão das sinapses nervosas, organizando e (re)organizando as informações dos estímulos motores e sensitivos.

(...) A plasticidade é mais comum em crianças, porém pode ocorrer também nos adultos, por isso os exercícios psicomotores são importantes e fundamentais na recuperação de sujeitos que sofreram acidentes (de qualquer natureza). Os exercícios orientados têm por finalidade estimular as sinapses nervosas para que ocorra um (re)arranjo dessa informações neurais, sejam elas sensitivas e/ou motoras. É a busca de um novo caminho desse circuito neural, pela alteração qualitativa de uma via nervosa íntegra, controlando uma função que antes não era de sua propriedade e é, utilizando

de estratégias motoras diferentes, que recupera-se uma atividade (física / mental) que esteja perdida”.

A plasticidade neuronal seria confirmada por uma mudança de comportamento, no *setting* arteterapêutico e em outros ambientes: o resgate da “criança interna” está se concretizando, reencontrando-se o significado maior e a beleza da vida. Quando crianças e adolescentes não conseguem arcar com a tarefa de seu desenvolvimento, vivenciam dificuldades que não conseguem resolver; o processo de arteterapia possibilita ao indivíduo, a descoberta e a compreensão de suas idéias e sentimentos, no *fazer*. Oferecem-se ao paciente e / ou aluno, a opção de aprender a brincar, experimentar, descobrir, investigar, fazer associações com os materiais, sendo estimulado pelo terapeuta a superar suas dificuldades, modelando-as, não as ignorando. A hipótese é que a pessoa se aproprie de seu próprio modo de viver, não sendo mais objeto de situações, sabendo lidar com o que se convencionou nomear “fracasso” como apenas uma etapa nova a ser percebida e apreendida. O Design, ao contribuir na racionalização dos passos, traz o eixo da pesquisa: a memória evocada pelos materiais físico / químico / biológicos e as formas influentes que favorecem a intuição e a percepção. O resultado da melhoria no auto-conhecimento e no inter-relacionamento, bem como o favorecimento na aquisição de conhecimentos específicos na grade curricular do Ensino Básico, seriam decorrentes do aumento da noção de “pertencimento”, a nível psicofísico.

Quando a Terapia valoriza as raízes culturais do paciente. A contação de histórias, além do aspecto cultural, possui singular efeito terapêutico, observado ao longo do processo histórico da humanidade. A memória das histórias sufi traz esta leitura e recentemente uma nova linha de pesquisa, a *etnopsiquiatria* revela recuperações pacientes, pela aproximação de rituais de várias tradições (ver anexo)

No campo ético e legal, é interessante observar a LDB, ao definir que

“(…) interdisciplinaridade e contextualização são recursos complementares para ampliar as inúmeras possibilidades de interação entre disciplinas e entre as áreas nas quais disciplinas venham a ser agrupadas. Juntas, elas se comparam a um trançado cujos fios estão dados, mas cujo resultado final pode ter infinitos padrões de entrelaçamento e muitas alternativas para combinar cores e texturas. De forma alguma se espera que uma escola esgote todas as possibilidades. Mas se recomenda com veemência que ela exerça o direito de escolher um desenho para o seu trançado e que, por mais simples que ele venha a ser, ele expresse suas próprias decisões e resulte num cesto generoso para acolher aquilo que a LDB recomenda em seu art.

26: ‘ as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela’ “. (NUNES, 2002:94).

Prazer e ternura na educação. Para uma interação familiar / escolar consistente, necessita-se de um diálogo coerente entre os vários elementos e circunstâncias, como Cury (2003: 115) nos demonstrou. Para tanto, seria preciso uma comunicação com códigos universais e regionais, os quais possam ser inseridos em qualquer repertório. A *Arte / Design*, nas suas várias modalidades, possuem essa qualidade já pré-verbal, baseada nas funções psíquicas *sensação*, a que descreve o “aqui e agora”, e *intuição*, a que prevê, diz que algo está para acontecer, no modelo proposto por Jung. Enquanto a Arte sugere, o Design “designa” como processo de racionalização dos passos, concretizando uma condição que deveria ser inalienável a todo ser humano: a capacidade do planejamento. Esse componente, por sua vez, também estaria ligado à sensação e intuição por ajudar a estruturar o pensamento. Na comunicação do dia-a-dia, a *metalingüística* compreende “o código e a função que desenharam a forma de uma mensagem” (CHALUB, 2002:8). Nossa proposta na relação Arte/ Arteterapia/Design se utiliza deste referencial, visando decodificar determinados símbolos inerentes à memória evocada por materiais físico/biológicos como argila, flores, bambu, e formas influentes obtidas através deles, entre outros. Vamos escutar o diálogo trazido por esses traços emotivos para evidenciar as quatro funções psíquicas indicadas por Jung; complementam-se em suas polaridades, duas a duas: sensação / intuição e pensamento / intuição. A linguagem de materiais nos ajudaria a nos reorganizarmos afetiva e cognitivamente através de sua natureza bioquímica e pelas formas evocadas em sua estrutura; essas provocam uma ressonância em nosso interior, através de nossa própria formação molecular e nos registros em nossa memória, sempre automáticos. Vamos “reeditar lembranças” como nos refere Cury (2003:24), confirmando o conceito de “Autopoiese e adaptação ao meio”, construído por Maturana & Varela (1995;1997),

“O ser vivo é descrito em dois domínios: um domínio estrutural, onde estudamos sua fisiologia, e um domínio de interações, onde estudamos sua conduta. Esses dois domínios são separados e não possuem interseções. É impossível deduzir o que se passa em um deles estudando o outro.” (MORAES, 2002:84).

Nessa descrição existe o elemento essencial *clausura autopoietica ontogênica*: “Indica que todos os componentes de uma rede autopoietica necessários ao processo de desenvolvimento são produzidos por outros componentes da rede onde todo o sistema é

organizacionalmente fechado, mesmo estando aberto ao fluxo de energia e de matéria.” (cf. Maturana, 1995). Possui duas naturezas: a ontogênese, ou o processo de desenvolvimento de um ser vivo desde sua concepção até o momento atual e a filogênese, referente à organização de sua linhagem familiar. Para viver, o sistema necessita de que sua estrutura, independente de circunstâncias, mantenha sua organização para não morrer.

É este reconhecimento que esta pesquisa busca instalar: através de um grupo focal no Colégio Ignácio Azevedo do Amaral, de estudantes do Ensino Médio, incluindo sua relação com pais e professores, vamos procurar trazer a memória evocada por materiais expressivos, sobretudo os de ordem biológicas, relembrando a nossa própria natureza, e pelas formas influentes desenvolvidas com várias técnicas. Entre elas, a que vai conduzir as dinâmicas será a *contação de histórias ou biblioterapia*. A intenção é fazer emergir subsídios do *inconsciente coletivo*, constituído de arquétipos (padrões mentais de comportamento), a teoria proposta por Jung, a fim de revelar “personagens internos”, em nossa personalidade, para um melhor auto-conhecimento. E ao mesmo tempo, introduzir atividades pedagógicas complementares à Matemática e Biologia. De modo lúdico, recuperando afetos de nossa criança interna que de algum modo, foi magoada na infância ou continua a sê-lo. Por falta de intimidade com sua própria estrutura psíquica que poderia ter sido melhor compreendida por um diálogo mais próximo e afetuoso com pais e professores.

A Educação na Biologia do Amor. A tese de Maturana, a da *clausura autopoietica ontogênica* também é confirmada na pesquisa de Piaget:

“(…) *A mente segue trilhas paralelas, mas intimamente acopladas na elaboração de movimentos intencionais, de conceitos de significado e causalidade, espaço, tempo, limitação e jogo. Sua própria concepção de realidade muda passo a passo, à medida que a criança, dominada por reflexos, transforma-se na criança primeiro egocêntrica e depois sociável. Dos esforços voltados unicamente para a movimentação dos objetos, a atividade da criança cresce em direção a uma reflexão específica sobre os próprios movimentos. Os objetos primeiro são percebidos como entidades únicas e, em seguida, como membros de grupos a serem classificados com a ajuda de símbolos visuais e nomes. Piaget, inicialmente um biólogo, vê o desenvolvimento intelectual como uma interação de um programa genético com o ambiente.* (WILSON, 1993:95 in SAIANI, 2002: 125).

Indo ao encontro da raiz etimológica da palavra grega *terapia* que significa *cuidados*, a ação terapêutica procura fazer o indivíduo *sujeito* de qualquer estado em sua vida e não objeto, à mercê de circunstâncias favoráveis ou não. Resgatar essa individualidade, como também nos sugere o sentido do termo, é tornar a pessoa *in-divisível*, reconhecendo-se no tempo e espaço.

A artista plástica e educadora Fayga Ostrower, nos lembrou que nós já somos, fluentemente, constantemente portanto, convidados para esse passo: toda nossa linguagem verbal apresenta termos que nos remetem ao espaço tridimensional, o da realidade vivida, destacando o ser sensível e sensorial que somos: “pessoa aberta / fechada”, “fria / quente”, “in-divisível” (OSTROWER, 2003:27). Ao se ressaltar a interação do sentido do movimento físico ao da linguagem verbal, provocando uma inter-relação de funções, admitiriam-se princípios defendidos na *clausura ontopoiética ontogênica*, oferecida por Maturana & Varela: nossa estrutura psiconeurofisiológica como seres humanos, tem uma estrutura fechada cuja *organização* traduz o conjunto de relações entre os componentes e caracteriza o sistema como integrante de uma determinada classe(...), (MORAES, 2002:85).

Sedimentar um eixo que vai orientá-lo de volta ao porto seguro, mesmo passando por intempéries violentas. Os tempos de hoje fazem-nos crer que os pais têm de ser gigantes para responder com habilidade a tantas invenções, em todas as áreas, ao invés de sermos mais simples e fazermos do pouco tempo disponível para com nossos filhos, um oásis, com brincadeiras, poesias ou apenas... um olhar amigo, silencioso mas... amoroso!

O sentido de construção dos conhecimentos sem a permeabilidade que a arte beneficia, favorecendo os aspectos terapêutico e cognitivo, através das formas concretas, em linguagens que vão do plástico ao cênico, transformam nossas vidas de... oásis a desertos áridos! Somos seres sensíveis movidos por impulsos sensório-motores, integrados numa rede com nosso coração... Viver *cordialmente* é ir ao encontro e não de encontro à nossas emoções, exercitando nossas capacidades de flexibilidade e maleabilidade 1 (conceito de f./m.), adequação ao que nos vêm, sem choques volumosos. Câmara Cascudo costumava dizer que a contação de histórias é como o leite materno, alimenta nossa imaginação criadora... Que é a conexão com a nossa Criança Divina pois nos permite a transcendência. Nosso primeiro órgão a se completar é o ouvido, aos dois meses de gestação, como um realce de nossa necessidade humana, básica: a de ouvir. O olhar e a escuta, essenciais em qualquer formação, vitais para uma terapia. Viemos envolvidos por uma onda de amor que nos permitiu nascer e o mundo quer por força de circunstâncias que poderiam ser minimizadas, provar o contrário, de modo inconsciente ou consciente.

Desenvolvimento

Design e Arte-Terapia em Educação e Saúde como metalinguagem no espaço pedagógico

Introdução

Se queremos entender o fenômeno do conhecimento, se queremos entender o sistema nervoso, se queremos entender a linguagem, se queremos entender o que acontece na nossa convivência, temos que nos inteirar desse curioso fenômeno: os seres humanos, os seres vivos em geral, não podemos distinguir na experiência entre os que chamamos de ilusão e percepção como afirmações cognitivas sobre a realidade. (...) Eu indico esta consciência de não podermos distinguir entre ilusão e percepção, com um convite a colocarmos a objetividade-entre-parênteses no processo de explicar. (...) me dou conta de que não posso pretender que eu tenha a capacidade de fazer referência a uma realidade independente de mim, e quero me fazer ciente disto na intenção de entender o que ocorre com os fenômenos sociais do conhecimento e da linguagem, sem fazer referência a uma realidade independente do observador para validar meu explicar. (Maturana 2002:44,45)

O *sentirpensar* envolve estados de ilusão e percepção que podem ser vistos não mais como uma dualidade, mas como uma possibilidade de relação através do contexto a que pertencem, já que essa relação varia conforme o ponto de vista de cada observador, segundo Merleau-Ponty no enfoque da fenomenologia (Merleau-Ponty, 1999:85). O trabalho presente busca o entendimento integral dos fenômenos, isto é, o caminho explicativo da “objetividade-entre-parênteses” descrita por Maturana, visando uma dinâmica de aceitação na convivência entre os seres; não importaria, por exemplo, que uma pessoa goste de Física e a outra de Biologia, não importaria que um sujeito não seja o outro, que a religião de um não seja a do outro, mas compreendendo que “(...) se a nego o faço responsabilmente – eu a rejeito porque não gosto dela, e não porque a religião muçulmana esteja equivocada (...)” (Maturana, 2002:49); isso significa que ao não se estar com a pessoa, não se está contra ela. Vamos nos fundamentar em uma percepção que venha da ponte entre a terapia contemporânea e a terapia perene, “contrapondo-se à visão racionalista, fragmentadora e dualista, que levou o homem à dissociação na percepção de si mesmo e do universo” (Cavalcanti, 2000:11), ou contrapondo-se

à objetividade-em-parênteses representada por Maturana, na qual as relações humanas não ocorrem na aceitação mútua (Maturana, 2002:49)

(...) terapia contemporânea e a terapia perene (...). Na sua origem a palavra terapeuta remete-nos aos sacerdotes do deserto que cuidavam da vastidão do fenômeno humano. (...) Contudo, tanto os Antigos Terapeutas como Graf Durckheim falam em uma linguagem que não é religiosa, isto é, que não pertence a nenhuma tradição em particular. Falam da experiência de profundidade que existe em todo ser humano. O que se passa para que um homem ou uma mulher, tendo uma vida considerada normal, queira, de repente, mudar de vida. Uma mudança de vida será uma travessia de sombra e de luz, com momentos de intensa felicidade e momentos de aflição e solidão. (Leloup e Boff, 2004: contracapa e p.17-18)

Esta pesquisa propõe antes de tudo, uma atitude diante do conhecimento. Uma mudança na linguagem contemporânea utilizada em espaço pedagógico, desde a educação infantil, através de um convite a filosofar, na intenção de um contato mais direto com a Natureza, pela memória evocada por materiais biológicos, como o bambu, as flores e as formas influentes. “(...) quer dizer, ao perguntarmos pela origem das capacidades cognitivas do observador não podemos deixar de ver que estas se alteram ou desaparecem ao alterar-se nossa biologia, (...)” (Maturana, 2002:47).

Uma atitude de vida mais oriental do que ocidental, sugerindo como ponto de partida e modo estável de reequilíbrio psico-orgânica, exercícios de concentração, contemplação e meditação, inerentes à nossa natureza humana, resgatando nossa necessidade primária do silêncio como agente criador. A sugestão é restaurar nosso potencial criador, geralmente relacionado à existência de nossa “criança interna”, favorecendo a transformação de circunstâncias opressoras através do desenvolvimento da introspecção própria do *sentirpensarfazer* artísticos.

“(...) Primeiro que Deus é principalmente criança e não antes de tudo criador e juiz severo. Uma criança não ameaça ninguém. É só vida, inocência e ternura. Mais que ajudar a outros, ela precisa ser ajudada e acolhida. Se imaginarmos Deus assim, não precisamos temer. Enchemo-nos de confiança (...)” (Boff, extraído do Jornal do Brasil, edição de 25/12/2004, caderno B).

O artista é antes de tudo um solitário; antes de exercitarmos a arte da comunicação com o outro precisamos do silêncio decorrente de um mergulho em nós mesmos. De acordo com nossos sentidos físicos, poderíamos fazer mais uso das linguagens sonora e corporal, além da verbal. A sabedoria tribal nos dá belos exemplos de integração não-verbal com a

natureza `a nossa volta, que nos nutre em necessidades básicas, como nos descreve a arte-terapeuta Eva Krampen-Kolosky, 10 ao nos aproximar do pensamento de nativos australianos: segundo estes aborígenes, “o que sustenta a realidade na qual vivemos é o “Tempo do Sonho” (Krampen-Kolosky, p. 39 in Revista Imagens da Transformação, nº 5, vol. 5 – setembro, 1998). A autora nos remete ao antropólogo David Maybury-Lewis (Maybury-Lewis, 1992) que relata a reunião entre Paddy Roe, um dos últimos sucessores destas grandes tradições nativas e Frans Hoogland, holandês, que decidiu mudar sua vida e assim chegou à Austrália, tornando-se

“aprendiz de Paddy. Nesta belíssima história que representa a possibilidade de um diálogo entre a visão de uma cultura ancestral e a moderna, me parece escondida uma mensagem simbólica: o homem que chegou como destruidor volta hoje a ser aprendiz e o herdeiro daquilo que destruiu.

Frans aprendeu de Paddy, a não seguir caminhos que já existem, mas deixar que a paisagem e os caminhos existam enquanto surgem de dentro de si, para transformar-se no mundo em nossa volta. Isto é o que os aborígenes chamam de “cultivar a forma”, algo diferente do arar e plantar a terra. Trata-se de um processo interior que atua através do canto e da dança. Enquanto o canto representa a vibração da forma, a dança a corporifica, a transforma em solidez.

Os cantos foram transmitidos pelo “Ser Criador”, o “Antepassado Original”, na sua viagem para criar a paisagem. Através do seu canto e das suas estórias, deu forma ao mundo. O que mantém junta a terra, o que lhe dá sua forma, são as “Linhas do Canto”, que constituem o texto e o som de sua estrutura. Sintonizando-se com a “musicalidade”, que é a essência rítmica da vida, o aborígene está sintonizando com a dimensão da continuidade do “Tempo do Sonho” virando parte do ancestral, recriando a sua criação e cuidando da sua forma. “ (Krampen-Kolosky, p.39 in opus cit).

Merleau-Ponty nos diz que a *percepção* (conhecimento pelos sentidos, relacionada à intuição) se dirige para a essência das coisas onde está o sentido do visível. A apreensão de uma experiência pode ser contínua, não fragmentada, relacionada ao imediatamente anterior e posterior, meu ponto de vista, conjugado aos de outros – que a experiência de transcendência e da fala entre os sujeitos, de elevação da consciência não é descontínua, que o que não está compreendido por mim neste instante torna-se-á conhecimento assim que eu me afastar da experiência em si, afim de me apropriar do que estava ali contido, como se estivesse me afastado de uma cena realizada em um palco, e me sentado em uma cadeira, na platéia, para observar os acontecimentos. “(...) Assim como a coisa é o

invariante de todos os campos sensoriais e de todos os campos perceptivos individuais, o conceito científico é o modo de fixar e objetivar os fenômenos.” (Merleau-Ponty, 1999:86).

Logo, para apreendermos um mesmo objeto, por várias linguagens, precisaríamos da introspecção, para só então classificá-lo com os recursos do discurso verbal, escrito e/ou oral. Assim o “fenômeno do silêncio pode ser compreendido como a experiência originária da linguagem. (...) O silêncio é a experiência que nos reporta para o fenômeno no qual o homem se recolhe no seu ser mais íntimo à medida em que acolhe a fala do mundo. ” (Ribeiro, 48 *in* Revista Imagens da Transformação, nº 5, vol. 5 – setembro, 1998).

Assim como refletimos sobre a interação de linguagens, para haver a intra e a intercomunicação, poderíamos observar a relação da terapia perene e a contemporânea e nos questionarmos: precisamos nos compreender a partir da doença? O numinoso (ref. Léxico das religiões) poderia ser a nossa porta de entrada? Com ilustrações de personalidades que orientam a humanidade? A Arte-Terapia se utiliza como um dos instrumentos básicos de ação, da técnica de contação de histórias, também referida como *Biblioterapia* (terapia através dos livros), com narrações extraídas de contos-de-fada, lendas, mitos, prosa ou poesia como recorte de nosso inconsciente coletivo que abriga arquétipos (padrões mentais de comportamento, termo junguiano). Aqui, a jornada vai privilegiar o estudo da vida dos santos e sábios

porque como dizia Maslow (9) e com lembrou Roberto Crema (10) se hoje nós estudamos, de modo científico a vida dos sábios é porque eles têm algo a nos ensinar sobre o verdadeiro ser humano. E algumas vezes nós estudamos demais o ser humano a partir de suas doenças, quando poderíamos conhecê-lo melhor a partir de seu estado de realização. Mas este estado de realização não chega sozinho. É realmente um caminho e este caminho não é simples nem é fácil.(Boff e Leloup, 2004:)

O objetivo geral é uma atenção sobre o sagrado (o que é inviolável), sobre a nossa tendência à compreensão da dimensão espiritual de nossa natureza, aproximando-nos da ciência do espírito a fim de se contribuir para uma apreensão mais significativa da ciência da matéria, no espaço pedagógico do Ensino Básico, na rede pública, como ponto de partida.

Linguagem, cognição e subjetividade

Num convite especial, poderíamos conversar uns com os outros, numa dança tribal, onde apenas nossos gestos falassem, em uma grande roda de pessoas que nunca houvessem se encontrado antes, embora pudessem se reconhecer como velhos, velhos conhecidos? Como num momento encantado?

E, continuando nossa imaginação dirigida, vamos nos visualizar em meio a uma música de compassos bem marcados que nos permitam recuperar nosso “aqui e agora”, a alegria do presente que é todo momento vivido, em cada passo? Poderemos então nos ver dando um passo à frente, dobrando os joelhos por duas vezes; em seguida, ainda na mesma direção, dando um passo atrás, flexionando os joelhos, por duas vezes também; num terceiro movimento, dando um passo à direita, e ainda por mais dois tempos, curvamos os joelhos! E assim, vai até a melodia silenciar... O primeiro instante significaria “eu entro na dança da vida, com vocês”; o segundo, “eu abro um espaço na dança da vida, com vocês; o terceiro, “eu ando para frente, na dança da vida, com vocês.” Esta brincadeira-de-roda integra o universo de canções anônimas originárias de uma cultura natural: nasce da experiência de vida de determinado grupo, vem da espontaneidade, portanto da necessidade de sermos coerentes conosco mesmos, observando-se as influências locais. 1 (Esta vivência foi apresentada, no espaço da Universidade Cândido Mendes/ Projeto A Vez do Mestre, por um velho, velho amigo de todos nós, o professor Antônio Carlos ... , psicoterapeuta, que hoje continua dançando em esferas mais elevadas, a partir de sua passagem para o mundo espiritual em 25/01 do corrente.)

A origem das danças circulares sagradas 1 (o que é inviolável) está nas danças tradicionais que requerem vivências 2, e não apresentações cênicas, para nos auxiliar a recuperar e rever afetos:

“(...) alguns já disseram que o corpo não mente. Mais do que isso, ele conta muitas estórias e em cada uma delas, há um sentido a descobrir. Com o significado dos acontecimentos das doenças ou do prazer que anima algumas de suas partes, o corpo é nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda” (Leloup, 2000 : contracapa).

O coreógrafo alemão Bernhard Woiseu, ao percorrer algumas regiões européias, observou que as brincadeiras do folclore dançadas ou cantadas, referidas como brincadeiras-de-roda, ao apresentarem melodias e coreografias simples, trazem a seus participantes uma

grande comunhão e bem estar. O diretor também observou que quando os povos não mais se representavam desse modo, algo essencial estava sendo esquecido, comprometendo impulsos criadores, tanto individuais como coletivos. O folclore é o oposto do padrão, dos comportamentos seriados; ao vivê-lo em profundidade, permite-nos improvisar, criar de novo, oferecer novas bases de reconhecimento de si próprio e do outro. Coloca-nos em contato com forças vitais ancestrais e portanto, com arquétipos (padrões mentais de comportamento), relacionando elementos do passado com o nosso presente, favorecendo uma ressignificação de valores.

*(...) A identidade quer pessoal, quer social, é sempre socialmente atribuída, mantida e transformada (...). O processo de identificação é um processo de construção de imagem, e o suporte fundamental é a **memória**, através da qual se obtém informações, conhecimentos, experiência e, por isso mesmo, a possibilidade de dar lógica, sentido e inteligibilidade aos vários aspectos da realidade. “ (Menezes, apud. Garcia, Souza e Silva e Ferrari, 1989, p.14 in Michaelis, data: página).*

Estamos falando do modo como percebemos a realidade e desenvolvemos nossa faculdade de projetar o futuro, formando a claridade dentro e fora de nós, pela apreensão dos diferentes níveis de linguagem

*(...) Há dois sentidos e apenas dois sentidos da palavra **existir**: existe-se como **coisa** e existe-se como **consciência**. (...) vejamos tudo o que está implicado na redescoberta do próprio corpo. Ele não é apenas um objeto entre todos, que resiste à reflexão e permanece, por assim dizer colado ao sujeito. A obscuridade atinge todo o mundo percebido.”*
(Merleau-Ponty, 1999:269-270)

Tudo pulsa no Universo, seja mineral, vegetal ou animal a vida pulsa dentro de nós, em todo reino animal, vegetal ou mineral. Apenas nos dois primeiros, ela é mais tangível, seu movimento é mais perceptível. Para podermos nos aproximar do corpo como expressão e fala, vamos separar três tipos de conceitos sobre linguagem, que na realidade manifestam-se simultaneamente: *a linguagem sonora* ou *os sons*, silêncios, entonações, melodias, ritmos, entre outros; *a linguagem corporal* ou *os gestos*, posturas, tipos de movimentos. E *a linguagem verbal* ou *o discurso oral / escrito*; principalmente essa última tem qual tem sido vista, por nossa sociedade ocidental em especial, como uma confirmação do homem simbólico, surgido com a transformação do homem de *Neandertal* em *Homo Sapiens*: *foi quando seu cérebro se expandiu, sua boca se diferenciou da conformação simiesca, seu aparelho fonador se modificou e surgiu a capacidade de se articular as palavras, rumo à geração dos nossos atuais cem bilhões de*

neurônios. A linguagem verbal, escrita e falada, seria a sua maior representação? Quais as linguagens que nosso cérebro, esse estranho objeto, o mais estudado do planeta 2, traduz e expressa?

Da interação das várias linguagens expressivas pode surgir uma mensagem a qual nos levaria ao reconhecimento de um conflito: Esse elemento é o foco de nossa atenção no espaço terapêutico / pedagógico, através das sucessivas dinâmicas de artes integradas, com fundamentação teórica. Quando lidamos com muitas imagens 4 (representações ?) mentais, precisamos ir ao encontro de nossa característica vital enquanto seres humanos, a capacidade de reflexão discursiva, escrita / oral, sobre a troca de experiências. Novas sinapses 5 (encontros entre os neurônios – ver Marta Relvas) são favorecidas e nosso cérebro se expande em novas conexões.

Um passeio pela Intersemiótica: mantendo a essência dos conteúdos

“Traduzir uma parte noutra parte é uma questão de vida e morte. Será arte? Será arte?
(Ferreira Gullar)

Vamos refletir sobre as possibilidades de conexão entre as várias linguagens da arte e o nosso próprio mundo interno, em constante troca com quem e o que nos rodeia. Segundo Vânia Osório, em seu artigo *Tradução, Intersemiótica: um espaço de criação 7*: a arte nos permite ver o mundo com possibilidades transformadoras, sendo também um agente de mudanças. Permite-nos modelar uma realidade que estaria nos oprimindo para fazer emergir conteúdos de resgate para nossa individualidade, até então inconscientes. Estes nos facilitam novas condições de interferência no espaço em que estamos, revelando-nos nosso potencial criador que se manifesta numa comunicação de falas e gestos mais espontâneos.

Ser espontâneo nada tem a ver com ser independente de influências. Isso em si é impossível ao ser humano. Ser espontâneo apenas significa ser coerente consigo mesmo. Esse é o problema. Não será impossível, mas fácil também não será. Porque, para ser espontâneo, para viver de modo autêntico e interiormente coerente, o indivíduo teria que ter podido integrar-se em sua personalidade, teria que ter

alcançado alguma medida de realização, de suas possibilidades específicas, uma medida de conscientização. Nessa medida ele será espontâneo diante das influências. (...) Ou em outras palavras, cada um de nós absorve, normalmente, das influências apenas aquilo com que já tem afinidade.”

(Ostrower, 1996:11-12)

O conhecimento poderia ser visto como universos que se repetem com novos conteúdos; desse modo, também se permitiria a criação de novas linguagens e novos pontos de apoio, a partir de obras preexistentes, em um processo de releitura. Alguns elementos se ampliariam como também uma mostra de expansão de nossa consciência. Roman Jakobson (1896-1982) considerado um dos clássicos da semiótica, foi um dos primeiros a classificar e designar três tipos de tradução possíveis: a *interlingual*, a *intra lingual* e *intersemiótica*; a primeira trata das relações entre dois idiomas, a segunda fala das próprias relações feitas no mesmo idioma e a última, sendo a que sinaliza esta pesquisa, evidencia o interpretação dos signos verbais por outros não verbais, caracterizando o pensamento da arte, o pré-verbal. Portanto, vai ao encontro da raiz etimológica da palavra arte que é *fazer*. Pode ser vista ainda como como a representação de um determinado sistema de signos por outro.

Jakobson indicou “(...) o lugar da lingüística e da semiótica dentro de uma moldura mais ampla dos estudos da comunicação.”(Nöth, 2002:12), inserindo o conceito do estudo em comunicação em quaisquer linguagens, como campo de aplicação da semiótica. Na *tradução intersemiótica* não ocorre uma mudança e sim uma transformação: os signos mantêm a essência de seus conteúdos, mantendo a fidelidade à estrutura inicial. A influência de determinada função emotiva, própria da linguagem da arte, surge segundo uma “afetação”, isto é, algo toca nosso *sentirpensar* e o primeiro pensamento que nos vêm é o da Arte (5 Mokiti Okada) ou da pura emoção, como seres sensíveis que somos, impulsionados pelo sensório-motor, (ref. Aos 12 Sentidos); esse conceito está fundamentado na teoria de Humberto Maturana:

“(...) A Corporalidade. No caminho explicativo da objetividade-sem-parentêses, que é o caminho explicativo que seguimos quando tratamos nosso operar cognitivo como a expressão de uma propriedade constitutiva nossa, nosso corpo surge como um limite para sua expressão. Neste caminho explicativo nos deparamos com nosso corpo e dizemos que ele nos impõe limitações na expressão do nosso ser racional transcendente.

No caminho explicativo que seguimos ao aceitar que nossa capacidade de observar resulta de nossa biologia, e que chamo de caminho da objetividade-entre-parênteses, acontece exatamente o contrário. Ao seguir este caminho explicativo, nos damos conta de que nossa corporalidade não nos limita, mas ao contrário, ela nos possibilita. Em outras palavras, entendemos que é através de nossa realização como seres vivos que somos seres conscientes que existem na linguagem.” (Maturana, 2002:53)

A proposta da Arte-Terapia, como em qualquer outro processo similar que envolva o cuidado com o Ser, é ir ao encontro da raiz etimológica do termo terapia: *terapéia* = cuidar (ou ciuidados ?); enfim, é preciso que desenvolvamos o cuidado da escuta e do olhar para com nossa própria natureza, percebendo nossos limites, para o fazermos com o outro. Desenvolver o nosso *sentirpensar* permitindo que a natureza espiritual de cada indivíduo se eleve através da Arte que funcionaria como um canal de comunicação, ou melhor, de interação com o universo. Para isso precisamos celebrar a interação de nossas linguagens *sonora* (sons / ritmos / silêncios) *corporal* (gestos, todos os tipos de movimento), *verbal* (escrita/oral) através da conjugação de nossos sentidos do *invisível*, espírito, pensamentos, emoções, com os do *visível*, tato, audição, visão, olfação, gustação. Os físicos incluem

(...) uma dupla em simultânea percepção: percepção estereoceptiva ou a visão de um objeto (se faz através de estímulos exteriores – vem de fora para dentro); e percepção proprioceptiva ou os gestos que são necessários para apanhá-lo (análise de dentro para fora). (...) As coordenações viso-tátil-cinestésicas desenvolvem-se na presença dos objetos, adquirindo um espaço-prático. (Alves, 2003:71)

É nessa conciliação dos sentidos que nos capacitamos para uma auto e hetero-percepção qualificadas ou seja, plenas de nossa faculdade de *sentirpensar*, numa atitude de interrogação diante da pertinência dos conhecimentos que vão se tornando gradativamente, consistentes, pelo fazer. Nesse caminho perseguimos a expansão da consciência, também concretizada pelo aumento do número de sinapses (encontro entre os neurônios) e exercitamos um fazer preventivo de sequelas psicossomáticas originadas da negação desses sentidos. As Brincadeiras-de-roda favorecem, de modo lúdico, a estabilização do “grounding”, expressão referente à conscientização corporal, no

contexto terapêutico “que permite o rebalanceamento do tônus muscular, o enraizamento e auto-segurança.” (Boadella apud Chagas, 1997, p.19 in Michahelles, s/data)

Tal era a atitude de Francisco de Assis, que

(...) era o homem da alegria, amava cantar e dançar. (...) Francisco, o homem ecológico, o irmão universal que se confraterniza com tudo, que religa todas as coisas, religa as mais distantes às mais próximas. Francisco casa os céus com os abismos, as estrelas com as formigas e faz uma síntese das mais fascinantes e das mais generosas da humanidade, a partir de dentro. Une a ecologia interior com a ecologia exterior.

Permitiu-se identificar-se com todos os seres, dos reinos mineral, vegetal e animal, reconhecendo-lhes a espiritualidade particular, percebendo o sentido de impermanência (cocneito budista)e continuidade da Vida.

(...) No caminho explicativo da objetividade-entre-parentêses, a indistinguilidade experiencial entre ilusão e percepção é uma condição constitutiva do observador, e não uma limitação ou falha de seu operar. Por isso, ao aceitar esta condição constitutiva, que neste caminho explicativo, há múltiplos domínios da realidade, cada um constituído como um domínio explicativo definido como um domínio particular de coerências experienciais.

(Maturana, 2002:53-54).

A linguagem

Uma aproximação entre Design e Arte-Terapia em Educação e Saúde

“Amar e criar a beleza são as condições elementares da felicidade. Uma época que não a almeja permanece imatura visualmente; sua imagem é disforme; suas manifestações artísticas não são capazes de elevar-nos” (Walter Gropius)

(...) A educação se confronta com essa apaixonante tarefa de formar seres humanos para os quais a criatividade, a ternura e a solidariedade sejam, ao mesmo tempo, desejo e necessidade. Reencantar a educação significa vivenciar as implicações pedagógicas do fato de que os processos cognitivos e os processos vitais são, no fundo, são a mesma coisa. Trata-se de um

encontro, desde sempre marcado, de viver com o aprender enquanto processo de auto-organização, desde o plano biofísico até o das esferas sociais.”

(Assman, 2000:contracapa)

Somos seres sensíveis, impulsionados pelo sensorio-motor. Segundo o Novo Aurélio Século XXI, (colocar ref) o termo *sensível* significa “que sente, que tem sensibilidade. Que recebe facilmente as sensações externas. Que pode ser percebido pelos sentidos. Emotivo, Suscetível. Passível de receber modificações ou de sofrer determinadas ações. Apreciável, considerável.”

Pensamos, agimos e interagimos tendo a sensibilidade como base da vida, deixando-nos afetar por cada troca de experiências, faculdade que nos caracteriza como seres humanos. Precisamos recuperar a alegria de ser e viver segundo essa possibilidade, para que nosso cérebro, antes de tudo, um órgão social, possa se desenvolver em toda sua plenitude, de acordo a capacidade de cada um de nós. A *metacognição* vem como uma auxiliar nessa intenção, trazendo-nos *materiais paradidáticos* onde o lúdico ajuda a recuperar o prazer de ensinar e aprender, podendo ser vistos como uma *metalinguagem*: é quando um mesmo objeto é visto por diversos pontos de vista, com os recursos das várias linguagens das Artes e do Design.

O termo *metá* significa além de, pelo dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. O primeiro autor a mencionar a metacognição foi Flavell (1970) fundamentando sua pesquisa principalmente no campo da *memória* descrevendo-a como a percepção que o indivíduo tem sobre o seu próprio saber (conhecimento). Isto é, como se dá a organização, a expansão, a estruturação do *sentir/pensar* para favorecer ao educando o seu desenvolvimento integral.

Este movimento cognitivo na educação recente forma “uma nova área de pesquisas cognitivo-desenvolvimentais” ou ainda de “controle cognitivo” na expressão de Flavell (1977, *in* Lopes da Silva e Sá, 1989, Cavanaugh e Realmutter, 1982 *apud* Figueira, 1994). Mas suas raízes estão no início do século XX com os pressupostos (embasamentos? antecedentes ?) desenvolvidos por psicólogos como William James, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Skinner, Piaget, Wallon, Freinet, Vygotsky, enfocando os mecanismos inconscientes de aprendizagem:

“(…) Conhecer-se de fora para dentro, depois de se ter conhecido de dentro para fora. Agora, instrumentada pela função simbólica, a percepção de si

poderá transformar-se em “consciência de si”, ampliando-se na direção do passado e do futuro. A tarefa evolutiva passa a ser esta e ela corresponde a trazer para o plano da pessoa um conquista que é da ordem da inteligência. Tal elaboração se faz pela interação, caracterizado pela oposição e negação do outro: é pela expulsão do que há de alheio a si que se fabrica o Eu.”

(Dantas, 1992:94 in Yves de la Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas, 1992)

Tal atitude refere-se ao processo de individuação: é quando o sujeito desenvolve competências para se tornar um ser in-divisível, atento ao seu centro, ao seu próprio eixo, não se permitindo desestruturar por circunstâncias. O que não implica em perfeição, somente em modelar-se, reconhecer sua própria natureza conciliada com o mundo que nos rodeia. Como Carl Jung nos orienta ao dizer que alguém está bem consigo quando é espontâneo, o que implica em coerência com as regras de sua estrutura interna, com sua biopsicofisiologia, apto a conviver com tendências contrárias em seu interior. Não significa tornar-se individualista: “Vindo a ser o indivíduo que é de fato, o homem não se torna egoísta no sentido ordinário da palavra, mas está meramente realizando as particularidades de sua natureza, e isso é enormemente diferente de egoísmo ou individualismo”(Jung in Silveira, 1997:78).

A proposta é trabalhar essa rede invisível que são os nossos afetos, de modo universal, educando na biologia do Amor e da Solidariedade, com novos paradigmas da Ciência:

(...) Na realidade, temos observado que a educação, hoje, vem se apresentando de maneira oposta, privilegiando a cultura da reprovação, a perda da auto-estima, a apatia e o desinteresse. E nos perguntamos, incessantemente, diante da conjuntura atual, será mesmo possível reencantar a educação I ? Como transformar o ambiente de aprendizagem num lugar cheio de encanto, beleza e magia? Um lugar onde prevaleça a criatividade e se cultive a alegria e os novos valores? Será possível transformar o professor num educador da felicidade como pretende Rubem Alves? Será possível transformar a aprendizagem em uma experiência ótima como gostaria Mihaly Csikszentmihalyi? Como conectar educação com sedução, liberdade, beleza e magia? Mas, com que paradigma? Com que referenciais teóricos vamos continuar trabalhando em nossas práticas pedagógicas? Por quanto tempo ainda vamos continuar privilegiando propostas pedagógicas de 300 anos atrás? (Moraes, 2003:166-167).

1. “O termo reencantar a educação foi usado por Hugo Assman em seus livros *Metáforas para reencantar a educação: epistemologia e didática* (1996), publicado pela Editora Unimep / Piracicaba, e *Reencantar a educação, rumo à sociedade aprendente* (1998), publicado pela Editora Vozes.

